

Entrevista com o tradutor Mario Fondelli

09/10/2007

Sobre William Shakespeare

1. Qual o seu interesse particular em Shakespeare?

MF: Não tenho qualquer tipo de interesse particular em Shakespeare: apenas considero-o um grande autor com uma carga poética fora do comum. Infelizmente, a meu ver, nenhuma tradução consegue manter o vigor, o ritmo e a despretençiosa elegância do *blank verse* inglês.

2. Quais as obras do autor inglês que o senhor já traduziu?

MF: *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *Sonho de uma noite de verão* (este último ainda não publicado).

3. Quais os seus métodos e princípios para a tradução de Shakespeare?

MF: tentar manter em português algum tipo de ritmo constante ao longo de toda a obra, mesmo que tal ritmo não corresponda ao original inglês. É claro que, para Shakespeare, assim como para qualquer outro autor, vale a regra fundamental de jamais tentar traduzir alguma coisa que não foi plenamente entendida e assimilada.

4. O que o levou a traduzir *Romeu e Julieta* e *Hamlet* (encomenda específica da editora, iniciativa própria...)?

MF: Foi por encomenda da editora.

5. Qual o grau de dificuldade encontrado e o que o senhor tem a dizer desta tarefa realizada?

MF: Existe uma disponibilidade tão grande de obras sobre o autor que é quase impossível ficar em dúvida diante de alguma de suas frases: objetivamente, portanto, a tradução foi até fácil, mas sempre permanece a quase impossibilidade de transmitir com a mesma eficácia o mundo imaginário evocado pelo texto original.

6. Quando se deu a tradução (ano) e qual foi o tempo estimado que o senhor levou para executar o trabalho?

MF: As traduções foram feitas em 1996. Cada uma levou cerca de vinte e cinco dias.

7. Quais são os originais das peças que o senhor traduziu? Por favor, inclua referência bibliográfica completa da edição (editora, data de publicação, responsável pela edição).

MF: A editora forneceu livros editados em italiano (um deles, o *Hamlet*, do poeta Eugenio Montale), mas eu preferi basear-me na obra *William Shakespeare Complete Works*, com introdução de William Allan eilson e uma *Vida de Shakespeare* de James Orachad Halliwell-Phillips, da P.F. Collier& Son Company, 1925.

8. O senhor se inspirou em alguma tradução para fazer a sua? Caso tenha se inspirado, em quais? Poderia especificar eventuais traduções portuguesas?

MF: Quando possível, no caso dos clássicos, procuro consultar o maior número possível de traduções, principalmente a fim de evitar enganos muito comuns ao mencionar nomes próprios de pessoas e lugares. Nesta ocasião recorri até a velhas traduções portuguesas que encontrei na Biblioteca Municipal de Teresópolis, das quais contudo não lembro as especificações. Esta massa de informações, entretanto, serve mais como referência do que como “inspiração” pois, afinal, cada tradutor procura a sua própria maneira de dizer as coisas.

9. O senhor tem idéia de como sua tradução foi recebida? Há resenhas?

MF: A editora contou-me alguma coisa a respeito, mas eu não cheguei a ler as resenhas em questão.

10. O senhor sabe se sua tradução foi utilizada para alguma montagem teatral?

MF: Não sei.

11. Onde é possível encontrar um exemplar de sua tradução de *Romeu e Julieta*?

MF: Creio que exista um depósito de livros na rua Major Rolinda da Silva, nº 41, CEP-22611-260, Rio de Janeiro (tels.: 494-26-77 e 493-53-15)

12. Outros comentários:

MF: Sem comentários

Sobre a atividade de tradução:

1. Fale um pouco do seu trabalho como tradutor.

MF: Gosto do meu trabalho porque posso exercê-lo em casa e nos horários que mais me agradam. Não se trata, na verdade, de uma atividade rendosa, mas para alguém um tanto misantropo como eu é o que há de melhor. Considero-me um perfeito amador, no sentido mais puro da palavra, pois de pomposos “profissionais” estou realmente cheio. Sou apenas um artesão que procura fazer um bom trabalho, sem chilikos pseudo-artísticos que só prejudicam a qualidade da tradução. Deixo os faniquitos e as citações doutas aos empertigados bestaréis que jogam purpurina sobre si mesmos até quando o resultado dos seus esforços é bastante pobre (aquele tipo de gente que, ao citar por exemplo um meio verso em latim, sente-se na obrigação de dizer que fez longas pesquisas na Biblioteca Vaticana!).

2. Quais as obras que o senhor já traduziu e foram editadas, e quais as editoras?

MF: A lista é muito longa: são mais de quarenta obras de vários autores e idiomas. As editoras para as quais trabalhei são a Rocco, a Bertrand, a Best Seller, a Record, a Nova Fronteira e a Newton Compton Brasil (que malogrou por aqui, mas com a qual continuou cooperando na Itália). Além de Shakespeare, tenho traduzido Wilde, Stevenson, Nietzsche, Darwin e Dickens. Entre os mais modernos que já podem ser considerados clássicos, posso citar Moravia, Sciascia e Gadda: deste último aliás, uma espécie de Guimarães Rosa italiano, traduzi *O conhecimento da dor* que foi considerada a melhor tradução de 1988 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

3. Qual o seu interesse maior no campo da tradução (tipo de texto que prefere traduzir e por quê).

MF: Literatura, filosofia, psicologia e psicanálise. Tudo devido à minha formação escolar. Quanto ao meu gosto pessoal, contudo, só entrego-me com prazer à leitura de bobagens sem pretensão tais como livros de ficção científica e policiais meio empoeirados no estilo de Agatha Christie.

4. O senhor costuma traduzir primeiro e depois procurar a editora, ou é o contrário?

MF: Só quem trabalha por esporte (como os políticos, por exemplo) pode dar-se ao luxo de também traduzir por esporte. Eu vivo mesmo é das editoras que me procuram.

Entrevista concedida por fax em 09 de outubro de 2007 aos pesquisadores do Projeto Shakespeare